



aRi[t]mar

galiza e portugal

**POEMAS 2020 FINALISTAS**  
**PORTUGAL**

ninguém sabe o malefício dos anos  
de que é capaz. a poalha dos dias cai  
sobre o corpo sobre a mente  
e o sol fica fosco poente precoce  
e abandonado. o ranger das dobradiças  
dos ossos faz-se ouvir durante a noite  
como pesadelo engordando de esclerose e vazios.  
é tudo tão natural que até a poesia faz mal:  
azias metafóricas colesterol desrimado  
versos em ácido úrico e imagens de pedra  
rolando pelo rim como se a idade não cansasse.

ninguém sabe o malefício dos anos  
como abre a porta à morte e a faz sentar  
na sala do coração como térmita abusadinha  
roendo roendo a vida até que se vai  
com aquele seu andar de piranha ou de poeta  
que se aborreceu de o ser...

Álamo Oliveira. *Poemas Vadios*. Companhia das Ilhas, 2020, p. 67.

## As letras do teu nome

Escrevi as letras do teu nome  
Numa pequena folha de papel  
E com um sopro elas esvoaçaram,  
Elas brincaram,  
E tanto de lugar trocaram  
Que outro nome se tornou.

Às vezes ainda recordo  
Esse nome que era o teu.  
Mas as letras, essas,  
Uniram-se ao tempo traiçoeiro  
E teimaram em nunca voltar  
Ao seu lugar original.

Alexandra Santos. *As letras do teu nome*. Chiado Books, 2020, p. 97.

## ALMOFADA DE ANDORINHAS

*Para a Inês e o Manuel*

Poucos, alguns, têm na mão o tempo.  
E, como que sem esforço, simplesmente  
porque podem fazê-lo,  
alteram tudo: os ciclos lunares,  
as estações,  
as sequências brandas a que o dia,  
o entardecer, a noite,  
se submetem.

Poucos, alguns, os que  
não acreditam  
no jogo dos volumes, muito menos  
na diferença entre o voo  
e o envio,  
oferecem coisas luxuosas, sem pensarem  
quão luxuosas são.  
Por exemplo, andorinhas em Fevereiro,  
no início de Fevereiro, quando a ordem  
das migrações assim não determina.

Mais do que isso: levá-las a entrar  
pelas janelas fechadas.  
Imagino  
que sujeitaram as vidraças ao remoto  
controlo da matéria que consegue  
separar cada átomo, tornar  
transitável um corpo que era sólido  
e que volta a ser sólido depois  
daquele instante de impossibilidade,  
deixando, no entanto, quase à vista,  
na janela refeita, uma tremura,  
um dom de refração – processo, aliás,  
em tudo semelhante ao da poesia.

Ou, quem sabe,  
uma vez que o improvável  
convive, sem cerimónia, com alguns,  
poucos, se acaso não tomaram  
a caixa do correio por um ninho,  
confusas como estavam, e com frio,  
dada a sua chegada tão precoce.

O certo é que aqui estão, na minha cama,  
tão entranhadas num tecido branco  
que parecem ter sido nele inscritas –  
pinceladas sobre um  
papel de arroz.  
E facilmente passariam por  
obra de humana fábrica, não fosse  
a chilreada que me acorda cedo  
e os cuidados que eu tenho em não deixar  
que a luz do meu serão as  
incomode.

## Memórias

A casa e o poço  
não se lembram do avô,  
a oliveira e a figueira  
não se lembram do avô,  
os dois ciprestes no alto da colina  
não se lembram do avô.

A colina, aliás, já não existe,  
a oliveira e a figueira foram arrancadas,  
a casa derrubada,  
o poço continua esquecido debaixo de terra.  
Por isso é que a memória do avô  
se apagou.

Hoje, vejo o avô  
sentar-se numa pedra na rua estreita,  
acender um cigarro, semicerrar os olhos  
e recordar em silêncio  
a primeira casa, o primeiro poço, o primeiro filho,  
a oliveira, a figueira, os ciprestes...

Junho, 2017.

João Pedro Mésseder. *A quem pertence a linha do horizonte?* Página a página, 2020, p. 7.

## Quem ordena este pandemónio?

O desvio da vida. O encargo das noites sem fim. O desgosto antes de todas as venturas. O saguão onde caem gatos aos trambolhões. Uma nuvem assassina. Uma casa cheia de nada. A cozinha de madeira velha. Os abraços desencontrados.

-

Chegam as tempestades. As saias rodadas das mulheres levantam-se e choram pingos grossos ensanguentados. Voam vontades e arames retorcidos. Num canto do mundo há uma cama vestida de amor. A gloriosa encenação.

-

Uma espécie de cama incómoda e fria. O incómodo de um barulho triste. Os nervos ao rubro num tempo morto de medo. Estar à mercê de tudo. Uma imagem que nos intimida. A razão a fugir. Um corpo alarmado. A alergia. O susto vencido.

-

Quantas manhãs rotas. Quantos manhosos acordares. A noite ainda a bailar na cabeça. Livros inteiros por ler. O Sol a querer aparecer no seu semblante dourado. As nuvens a beberem água ao largo. Quem ordena esta pandemónio?

## POEMA RECUPERADO DO CAIXOTE DO LIXO

Todos os dias se escrevem milhares de poemas  
em bilhetes de autocarro em guardanapos dos cafés nos mais variados  
cadernos  
e acabam em pastas nas gavetas ou no computador ou no cérebro  
A maioria como este se não nesse dia passados alguns meses ou anos  
acaba no caixote do lixo

Um dia acordas de repente e o que não fazia sentido passou a fazê-lo  
ou o que fazia sentido deixou de o fazer  
palavras trocam de lugar vogais e consoantes engalfinham-se  
o que não rimava passou a rimar  
ou a navegar ou a voar ou a rastejar  
alguns poemas erguem-se na página em branco

E corres a procurá-los no caixote do lixo entre os restos da última  
refeição  
que por acaso foi de peixe  
mas o camião do lixo acabara de passar

Todos os dias se escrevem milhares de poemas

Jorge Sousa Braga. *A matéria escura e outros poemas*. Assírio & Alvim, 2020, p. 65.

O verão sabe-se bem.  
Gosto do calor que entra,  
da face quando fica iluminada  
gosto de ter luz nos olhos  
e gosto de ficar parada.

Quando o sono não vem,  
e aquelas noites não se arrefecem,  
é com o verão que sonho.  
Aquieta-me, o quente.  
Nem preciso falar.

Basta ficar a olhar  
a linha torta dos montes  
com o calor dos horizontes  
para tudo se endireitar.

Márcia. *As estradas são para ir*. Editorial Planeta, 2020, p. 34.



A casa velha como uma velha,  
parda, poeirenta, baça, míope, mirrada,  
como uma velha,  
não tinha tecto, não tinha nada,  
não era uma casa muito engraçada,  
era sem graça, uma desgraça, como a velhice,  
a casa em pé por carolice,  
como a velha menina Alice,  
sem amigos, sem descendência,  
tão velha que ainda fiava,  
fiava e tecia as horas dos dias,  
Alice na teia, à espera da aranha,  
fazia chá, duas chávenas na mesa,  
esperava sentada e visita nenhuma,  
na casa vazia, a noite de insónia,  
a acordar pontual, para um dia igual.

Raquel Serejo Martins. *Silêncio sálico*. Poética Edições, 2020, p. 16.

## Valencià

quando nós tivermos a idade deles  
eles que têm um terço da nossa idade  
quando nós tivermos a idade deles  
o que diremos de diferente daquilo que já dissemos?  
como cruzaremos as mãos por cima da mesa  
do restaurante italiano no coração de Valência?  
quando tivermos a idade deles  
como faremos para lidar com a morte  
que se aproxima a passos largos e sonoros?  
talvez como lidamos com a música  
heroinómana de Chet Baker espalhando  
migalhas calculadas de Irving Berlin  
na mesa invariável de toalha xadrez

quando tivermos a idade deles  
seremos mais sensatos do que fomos  
falaremos neerlandês e diremos  
com o sorriso actual e envergonhado deles  
que no nosso país não se cozinha  
não temos tempo a perder  
simplesmente não podemos perder o nosso  
precioso puritano tempo  
a derreter sabores que duram segundos  
usando legumes que nem sabíamos existirem

não podemos desperdiçar o nosso  
funesto vigoroso tempo  
a dissolver sombras no palato  
ocupados com a evolução da liga hanseática

quando tivermos a idade deles  
como faremos para ser diferentes do que fomos?  
como amaremos a tempo de sermos nós a dizer  
que valeu a pena sermos algo parecido com o que somos?  
o que faremos do tempo, única, insolúvel questão  
entre os dedos frágeis do presente metido a passado?

**Foz**

*ao Rui*

Falo-te da condição dos rios  
do gelo das montanhas  
e dos peixes  
dos seixos e escarpas  
que ainda dobram as minhas águas.

Falo-te das florestas  
dos percursos ocultos  
[câmaras subterrâneas que esculpi]  
e das vidas a quem dei de beber.

Falo-te do tempo que demora um grão de areia a nascer.

E tu revelas-me o encontro azul das águas  
o movimento das vagas  
o sopro do sal.  
Falas-me do mundo submerso  
dos segredos que escutaste nos búzios  
e das velas brancas dos barcos ao partir.

Já não sou rio nem margem.  
Sou líquido com asas a crescer no horizonte.

Samuel F. Pimenta. *Ascensão da água*. Labirinto, 2020, p. 5.